

Nº 09 - ANO IV

VISAGENS, ASSOMBRACÕES e ENCANTAMENTOS da AMAZÔNIA

Surra no Igarapezinho
SANTARÉM - PARÁ

O Bode Preto
BREVES - PARÁ

A Estrada da Madenorte
BREVES - PARÁ

História de Amor
PORTEL - PARÁ

Guerreiros da Selva
CLEVELÂNDIA - AMAPÁ

MAIS:
| Encontro
Luso-Amazônico
Deu no Jornal...!
Lançamento de Livros

WALCYR MONTEIRO

É CHATO
SER GOSTOSO!



Walcyr Monteiro no traço de Márcio Pinho

Para Mário Guimarães Monteiro,
que tanto enriquece com seus trabalhos
a nossa história e o nosso folclore, em 9 de

VISAGENS, ASSOMBRAMENTOS e ENCANTAMENTOS da AMAZÔNIA

Com o apoio do
amigo e admirador das
Walcyr Monteiro

Walcyr Monteiro

Belém, 2001

"As lendas são a poesia do povo; elas correm de tribo em tribo, de lar em lar, como a história doméstica das idéias e dos fatos; como o pão bento da instrução familiar.

... mas o povo crê, e não convém destruir as fábulas do povo.

... Este cultivo dos mitos, não é, talvez, o aguardar laborioso das verdades eternas?"

Machado de Assis

"Os Imortais", publicado em 18 de setembro de 1859 em O Espelho.

Ambr
1967

Banca de Revista

News Time

ACEITAMOS CHEQUES PRÉ-DATADOS
E CARTÕES DE CRÉDITO

IGUATEMI - 1º Piso

Telefone: (091) 250-5338

IGUATEMI - 3º Piso

Telefone: (091) 250-5574

Abrimos aos domingos e feriados

**Na hora de viajar de
férias, antes de conhecer
outras regiões,
conheça a Amazônia.
Viaje pelo interior do
Pará, vá ao Amapá,
ao Amazonas, ao Acre, a
Roraima e a Rondônia!**

REVISTAS

Ver-o-Pará e Nosso-Pará

A FORMA BONITA DE NOS CONHECER

Visagens, Assombrações e Encantamentos da Amazônia - Nº 9 - Agosto / 2001

Publicação de WALCYR MONTEIRO.

Editor: WALCYR MONTEIRO - Reg. nº 48-DRT-PA.

Ilustrações das histórias: Márcio Pinho • Digitação e revisão: Paulo Maués Corrêa

Editoração eletrônica: Augusto Henrique • Capa: ilustrações de Márcio Pinho e João Bento

Impressão: Smith Produções Gráficas • Correspondências: Caixa Postal 1563

Belém-PA - CEP: 66017-970 • Fone: (091) 222-3384 • e-mail: walcyr@supridad.com.br



Bate-papo com o leitor

Quando realizou-se o Projeto "Heranças Portuguesas na Amazônia" (ver página 30 do nº 8 de "Visagens, Assombrações e Encantamentos da Amazônia") em agosto e setembro do ano passado, depois de proferir palestra sobre as lendas e os mitos da nossa Região, veio o convite para ir a Portugal. Confesso que não esperava que se concretizasse tão cedo. Foi, pois, com certa surpresa que recebi o convite no início deste 2001, com a programação marcada para o período de 2 a 18 de abril. E numa comitiva sob a coordenação da Professora Maria de Nazaré Paes de Carvalho segui para aquele País irmão (ver noticiário nas páginas 32 e 33), onde acabei passando exatos 30 dias, numa experiência interessante, sobretudo pelos novos conhecimentos adquiridos sobre as lendas e as histórias que se contam em Portugal, muitas das quais, com certeza, foram trazidas para cá e aqui regionalizadas. Mas isto é assunto para um trabalho a parte, pois, pela sua profundidade e extensão, não cabe num simples bate-papo, não é mesmo?

Bem, aqui estamos com o nº 9 de "Visagens, Assombrações e Encantamentos da Amazônia" e vou levá-lo a um dos locais mais aprazíveis do Pará: Alter do Chão, no oeste do Pará, para ver uma "Surra no Igarapezinho"; em seguida, faço você descer o Rio Amazonas e, através do Rio Pará, chegar a Breves, na Ilha do Marajó (ainda no Estado do Pará) para conhecer "O Bode

Preto" (é de meter medo!) e andar n" A Estrada da Madenorte" (vá com cuidado, viu?); depois passe para a parte continental e vá a Portel tomar conhecimento duma bela (?) "História de Amor"; finalmente, (é melhor ir de avião!) vamos a Clevelândia do Norte, na fronteira do Estado do Amapá com a Guiana Francesa, ver em "Guerreiros da Selva" o que nossos soldados enfrentam, além de defender nossas fronteiras...!

"Deu no Jornal...!" reproduz noticiário de "A Província do Pará" sobre pessoas que trabalham no cemitério e já estão acostumadas a conviver com visagens e assombrações.

Há ainda o noticiário, já referido acima, da viagem a Portugal, do lançamento dos livros de minha autoria "Cosmopoemas" e "Miscelânea ou Vida em Turbilhão", ambos de poemas, e de atividades realizadas com o trovador e escritor Antonio Juraci Siqueira e a escritora e poeta Heliana Barriga na Escola Municipal Professora Terezinha Souza.

Chega por hoje. Vamos às histórias e até o nº 10, que virá com novas e interessantes histórias.

O abraço fraterno do

Walcyr Monteiro

ILUSTRAÇÕES - Márcio Pinho já é conhecido dos nossos leitores, pois ilustrou os números 1 e 2 desta série e também fez as ilustrações internas de "As Incríveis Histórias do Caboclo do Pará" e da 3ª edição de "Visagens e Assombrações de Belém", que você já deve ter lido. Márcio nasceu em Belém no ano de 1967. Formado em Engenharia Macânica pela Universidade Federal do Pará em 1995. É cartunista e jornalista desde 1991, tendo escrito artigos sobre automobilismo, macânica e vários outros assuntos. Seus textos e suas ilustrações estão publicados nas revistas "Esporte Modelismo", "Em Escala Modelismo", "Penalty", "PQP", "Chá de Cadeira" e "Carona", e nos jornais "Automóveis e Caminhões", "O Liberal", "Diário do Pará" e "A Província do Pará". Márcio Pinho é, pois, o ilustrador deste nº 9 e ameaça voltar novamente em números vindouros.

O que você acha de apanhar uma surra e não saber de quem? Acha que não é possível? Então prepare-se para uma surpresa ao ler

Surra no Igarapezinho

Com certeza você já conhece Alter do Chão. Não? Mas, aposto que já ouviu falar desta localidade paradisíaca, incrustada no Rio Tapajós, e que faz parte do Município de Santarém, no oeste do Pará. Mas Alter do Chão não é só conhecida por ser um dos melhores pedaços do Paraíso que Deus deixou na Amazônia (afinal, a Amazônia, toda ela, já é o Paraíso). Alter do Chão é também conhecida pelo seu variado artesanato (de balata, de ervas, de raízes, de fibras vegetais, de cuias pintadas, de peixes empalhados e de suas escamas, como as do pirarucu, por exemplo, e mil e uma coisas mais) e pelo seu folclore, no qual destaca-se a festa do Çairé, no mês de setembro.

Pois é, foi em Alter do Chão que se passou esta história capaz de meter medo nos mais corajosos...





Naquele tempo, fim da década de 40, eu morava na Colônia do Laranjal, e na casa bem defronte vivia o João Corrêa. O João era um bom homem, porém, quando ia fazer compras, sempre voltava porre. Toda vez era isto. Aí ele vinha cantando, assobiando, coisa de bêbado mesmo.

João Batista Corrêa, de Alter do Chão, Santarém, Pará, onde nasceu e vive há 57 anos, parece voltar no tempo para melhor se lembrar do que está narrando.

- Até que um dia... Ele foi fazer compras e, como sempre acontecia, voltou bêbado. Vinha cantando, assobiando, fazendo o que sempre fazia. Quando chegou num lugar por nome Igarapezinho, que fica no primeiro igarapé de quem vai na estrada Alter do Chão - Laranjal, ele viu a irmã dele lá. Só que a irmã estava em Belém. Ele andou na direção dela, que pareceu ficar de bruço em um pau. Aí ele chamou ela pelo nome, e ela não respondeu. Chamou, chamou, chamou e ela nem olhava para ele. Ele então resolveu andar e passou por ela. Foi aí que aconteceu... Começaram a lamber ele, que não via ninguém...! Era só aquele cipó no ar, e toma, toma, toma, a bater nele que, por mais que olhasse, não conseguia ver nada. Ele vinha com um terçado, um litro de querosene, açúcar, arroz, farinha, essas

coisas de compra, né? Segurava as coisas para não cair, tentava se defender do cipó, mas que nada! Era só cipó no lombo dele, que, não podendo se defender porque não via nada, começou a correr. Aí as compras caíram e foi tudo derramado, foi açúcar, arroz, farinha, o querosene quebrou o litro, o terçado foi ao chão, e ele pulava. Corria e pulava. Mas não adiantava. O cipó ia direto nele e onde pegasse ele sentia a lambada.

- Quer dizer que não foi só no lombo que ele apanhou? perguntei.

- Que nada. Batiam em todas as partes do corpo. Era onde pegava. Ele pulava, mas não adiantava... Tome cipó e lambada... Quando chegou em casa, estava sem as compras que foi fazer, sem dinheiro, todo surrado e ainda com febre e dor na cabeça... Foi uma grande surra...!

- Mesmo com o terçado na mão ele apanhou? E por que não usou o terçado para se defender? perguntei.

- Mas nem pôde! Ele não via nada. Tentava rebater, mas não via nada. Só sentia as lambadas. Onde pegava, ele sentia. Ele ficou prostrado... Aí chamaram um pajé de nome Satuca, que era irmão do Izibinho. Diziam que ele era sacaca e foi ele que tratou e curou o João.

Também daí em diante ele tomou mais cuidado quando ia fazer compras, evitando beber. E principalmente não passou mais lá no Igarapezinho...!

O Bode Preto

Você já ouviu falar em Maçonaria? Sabe do que se trata? A Maçonaria é uma sociedade fraternal, cujas lojas se espalham por todo o mundo. Mas como muita gente acha que ela é uma sociedade super secreta, muitas lendas cercam esta instituição que apenas visa o aperfeiçoamento do homem. E estas lendas são muito diversificadas, mas há uma que é demais conhecida: é a lenda do Bode Preto! Você já conhece? Não? Então prepare-se para conhecer...!



Maria Rita Bitencourt Batista, 29 anos, estudante, é quem conta. "- As pessoas de Breves evitam passar nas noites de quinta e de sexta-feira na rua da Maçonaria* . É que nesses dias, ou melhor, nessas noites aparece ali um grande Bode Preto que persegue as pessoas. A primeira vez que ele apareceu foi prum colega meu, o Aguinaldo, que vinha da escola - o horário de saída da escola aqui é onze e meia (da noite, no caso)

* Trata-se da Rua Sebastião Amado, entre Av. Rio Branco e Interventor Malcher, no Bairro do Aeroporto. "Maçonaria" é a expressão utilizada para designar a Loja Maçônica Fraternidade e Labor Brevense nº 32, filiada à Grande Loja Maçônica do Pará.

- e o Aguinaldo neste dia abusou. Foi passar justamente à meia-noite em frente à Maçonaria. Aí ele avistou o Bode Preto! O Bode Preto correu atrás dele, e ele teve que passar bastante sebo nas canelas pra se livrar da fúria do Bode Preto, que não é um bode normal. É um bode bem grande. Mas taí, bem feito pra ele! Ele já sabia, as pessoas já tinham falado pra ele, mas mesmo assim ele se meteu a passar lá defronte da Maçonaria."



- Em que época foi isso? perguntei.

"- Ah! Foi mais ou menos nos fins dos anos oitenta, em 1988, se não me engano. Aí, o fato, que já era conhecido, se espalhou mais ainda, e as pessoas ficaram com medo de passar lá defronte. Mas não é só o Bode Preto que aparece lá...!"

- Tem mais coisa ainda, além do Bode? perguntei bastante curioso. Rita não fez esperar pela resposta:

"- Ih! Tem muitas outras coisas... Tem gente que diz que já viu muito fogo, mas muito fogo mesmo, defronte da Maçonaria. E tem outras pessoas que se queixam que já levaram tapa lá e não sabem de quem. Isto sempre às quintas e às sextas-feiras. E tudo acontece sempre defronte da Maçonaria... É o Bode Preto, é fogo, é tapa na cara sem saber de quem apanha!" E assim Rita concluiu sua narrativa, e você ficou conhecendo a lenda do Bode Preto e mais alguma coisa ainda, como o fogo e os tapas...!



Bem, se você passar na rua da Maçonaria, em Breves, eu não sei se você vai ver um grande Bode Preto, ou fogo ou ainda levar um tapa sem saber de quem...

O que você talvez possa ver nas noites de sexta-feira são homens de preto. Homens que vestem uma espécie de batina preta, tendo na cin-

tura um avental, representando que são obreiros do Grande Arquiteto do Universo e que trabalham para a evolução e o aperfeiçoamento do Homem. Não se assuste! Ninguém vai lhe meter medo ou lhe assombrar. E se lhe chamarem, vá lá: se você for íntegro e de bons costumes, pode até receber um convite para ingressar na Maçonaria...



**Quando viajar por via fluvial,
não jogue garrafas,
latas e outros detritos no rio.
Vamos preservar o meio ambiente!**

Afinal, o rio não é lixeira...

O Boto, a Cobra Grande,

**a Iara e demais seres
encantados e viventes**

aquáticos agradecem!



A Estrada da Madenorte

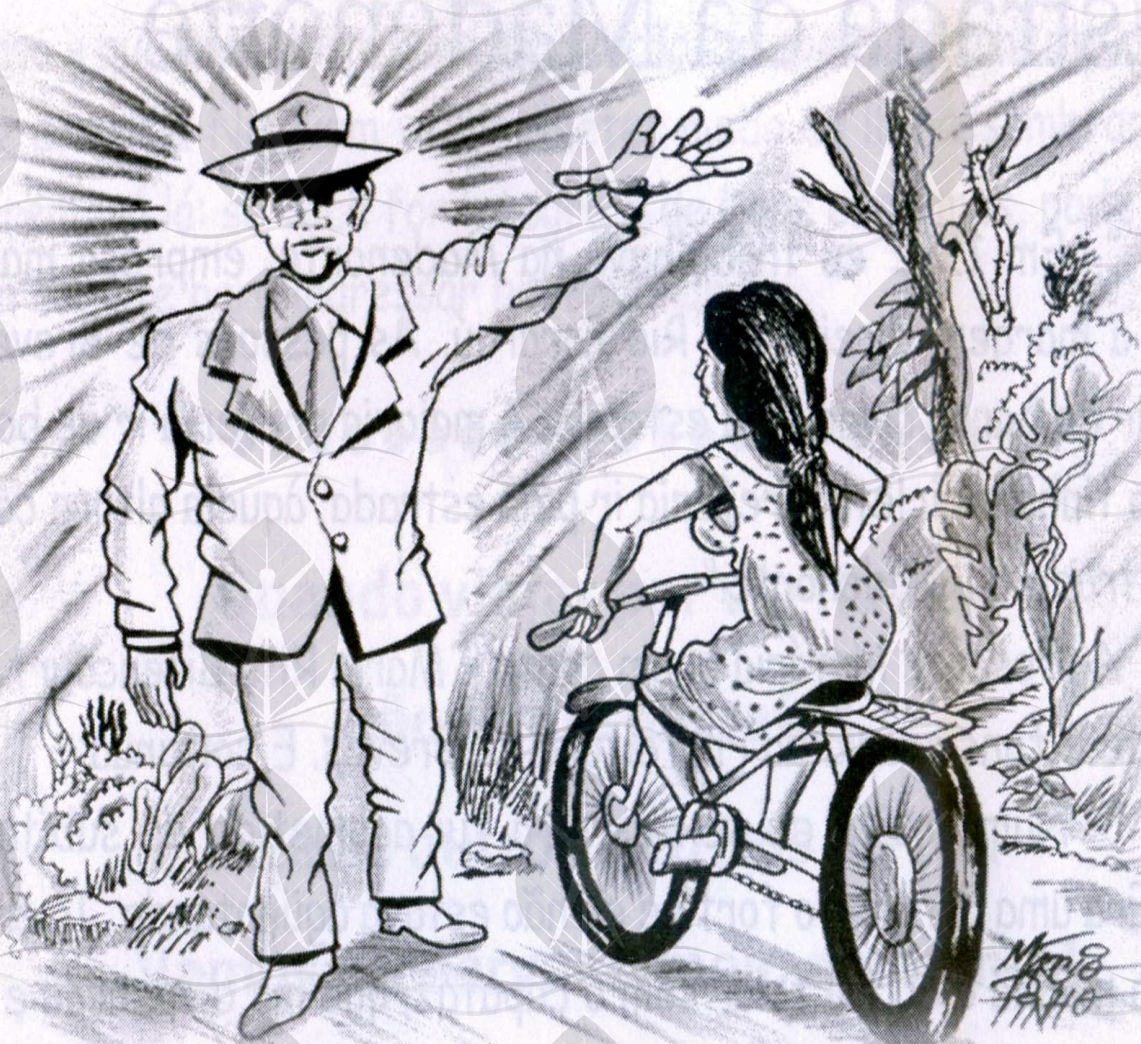
"- Em 1992 eu trabalhava na Madenorte, empresa madeireira situada à margem direita do Rio Pararaú. As pessoas de Breves tanto podiam ir de barco como pela estrada. A maioria preferia ir de barco mas eu, como tinha bicicleta, preferia ir pela estrada, àquela altura conhecida como estrada da Madenorte."

A presente história quem conta é Maria Rita Bitencourt Batista, estudante e funcionária da Prefeitura de Breves. E continua:

"- Numa noite de sexta-feira fui acometida de súbita dor no ouvido. Era uma dor muito forte e eu não estava agüentando. Já eram três horas da manhã e eu fui falar com o capataz, que me dispensou e mandou que viesse embora pra casa. Cheguei na portaria, entreguei o passe pro vigia e pedi que ele viesse me deixar de barco devido ao adiantado da hora.

- Não, não posso te deixar agora, vai pela estrada! foi a resposta dele.

Aí, eu, mesmo com a dor que sentia no ouvido, peguei minha bicicleta e vim embora. A estrada não tinha iluminação pública e estava tudo escuro. Eu vinha muito bem pedalando quando avistei aquele homem todo de branco vindo em sentido contrário. Aí, quanto mais eu pedalava, mais o homem de branco se aproximava e começou a crescer. Eu comecei a ficar



com medo. Então pensei: vou pedalar depressa e fecho os olhos quando passar pelo homem. Mas aconteceu que eu pedalava, pedalava, pedalava e parecia não sair do lugar. E o homem de branco crescendo, crescendo, crescendo... Aí, eu tava com muito medo, tava morrendo de medo, voltei. Consegui dar a volta e, ao ver que a bicicleta tava andando, saí a toda velocidade pra Madenorte. Cheguei na portaria e falei pro vigia que ele tinha que ir me deixar e contei da visagem que eu tinha visto, falei do homem de branco que ia crescendo...

Ele não me acreditou. Mas como insisti muito e também por causa da dor que eu sentia, acabaram por vir me trazer em casa. Quando passamos pela estrada, ele perguntou:

- E cadê o tal homem de branco? Eu não tô vendo nada...!
- Tu não estás vendo agora, mas eu vi, e ele ia crescendo, crescendo, crescendo..."



Rita continua dizendo que já tinha ouvido muita história do homem de branco da estrada da Madenorte, mas que não dava bola, não acreditava. E concluiu dizendo:

- Acontece que eu fui teimosa e aí aconteceu comigo. Aí eu passei a acreditar e nunca mais andei sozinha na estrada da Madenorte...!

**Você assiste televisão?
Escreva para a TV
que você assiste pedindo
programas regionais!**

História de Amor

O amor... ah! O amor...!

Como definir este sentimento que move o mundo e permite a perpetuação das espécies? Como explicar a paixão? De que maneira traduzir a emoção dos apaixonados?

Você naturalmente conhece muitos romances, naturalmente já leu muitas histórias de amor. Provavelmente também já deve ter se apaixonado e vivido uma ou - quem sabe? - até mesmo várias histórias de amor. Só que esta história é diferente, aliás, *bem* diferente... Não, não apresse a leitura, não queira logo chegar ao fim, não deixe sua curiosidade tirar o prazer de saborear esta diferente história de amor... Portanto, leia devagar e pense no que vai sendo narrado, coloque-se no lugar do personagem central quando sentiu avassaladora paixão por uma...



Eu estava em Breves em março de 2001, a convite do professor Élvio Paes, coordenador do campus da Universidade Federal do Pará, para proferir a aula inaugural do Curso de Pedagogia, que versou sobre Globalização e Resistência Cultural, e simultaneamente colaborar na elaboração

de um projeto visando o resgate e a divulgação da cultura amazônica. Como sempre faço, procurei coletar novas histórias. Aí, eu acabo pensando: vão ser variações sobre o mesmo tema, ou seja, histórias de Cobra Grande, de Boto, de Matinta Perera, de Lobisomem, de Curupira, enfim, estas histórias que já estou acostumado a ouvir - e também a narrar - e portanto nada teria de novo. Mas sempre me engano... sempre surge um fato novo, ou uma nova versão que acaba me chamando a atenção, como foi o caso desta incrível história de amor.



"Beleza" é como é conhecido Benedito Félix Moura, de 68 anos, carreteiro, ou seja, faz carretos como meio de ganhar a vida. Natural de Curralinho, mora em Breves há cerca de 30 anos. Conheci Beleza através do motorista Paizinho, que dirige uma Kombi.

Comecei a conversar com Beleza sobre as lendas e os mitos da região. Na maior parte das vezes as pessoas contam histórias que se passaram há muitos anos. Mas Beleza contou uma que se passou no início deste primeiro ano do terceiro milênio. Com a palavra o Beleza.

"- No início do ano, lá no alto Rio Anapu, Município de Portel, um caçador saiu à noite pra caçar. Seu nome era Francisco Medeiros dos Santos. Ele entrou na mata e já estava bem distante da casa dele. De repente caiu uma forte chuva, deu uma trovoadas, e ele ficou assim perto

de um pau grande pra se proteger. Mas a chuva aumentou e aí ele viu um pau maior, assim de uns três metros de largura, que tinha um grande buraco. Ele se dirigiu pra lá e aí viu que tinha já uma mulher lá dentro. Ele não viu direito, porque era noite, mas era uma Curupira. Ele já estava lá e aí pensou: "- Bem, eu não vou voltar. Vou dividir o espaço com esta mulher. Ela fica prum lado e eu fico pro outro." E assim fez. E ficaram os dois lá, dentro do buraco do pau.

Ele acabou deitando e já estava quase dormindo, quando a mulher veio, se chegou e se deitou no braço dele. Aí, sabe como é, né? Eles acabaram se agarrando e fazendo amor. Amanheceram os dois lá dentro do buraco do pau, agarradinhos. Foi só aí que ele viu que ela era uma Curupira."

Neste ponto da narrativa eu intervi: - E como era essa Curupira?

"- Era uma mulher em carne. A feição dela é que modifica, com o cabelão comprido e os pés dela pra trás.

Mas, como eu tava dizendo, eles acordaram e foram juntos até perto da casa dele. Aí ela se despediu, propondo novo encontro dentro de três dias num lugar que ela marcou.

Ele voltou pra casa, pro meio da família - ele tinha mulher e filhos - mas só pensava na Curupira. Ficou apaixonado por ela...

Dentro de três dias ele se preparou pro novo encontro. Mas não teve condição de ir pelo mesmo caminho. Então ele embarcou no casco e foi pelo rio abaixo e de lá varou pelo mato até o ponto marcado. E aí eles



se encontraram, se amigaram e vivem até hoje, nas matas do Alto Anapu."

Novamente eu intervi:

- E como é que o senhor soube desta história, com tantos detalhes?

"- Bem, é o seguinte, né? Quem me contou foi um amigo dele. Ele tinha sumido de casa, e os parentes e amigos resolveram procurar e nada de achar. Foi esse amigo que encontrou, inclusive viu a Curupira, e ele contou pro amigo, dizendo que não voltava mais."



Viu só o que é a força do amor? E no caso aqui, amor à primeira vista! Foi o Francisco se encontrar com a Curupira uma única vez, numa noite de trovoadas, e largar mulher e filhos, amigos e parentes, casa, enfim, largar tudo, para viver nas matas do Alto Anapu...

E você? Teria a mesma coragem de Francisco? Conseguiria abandonar mulher e filhos, amigos, parentes, enfim, abandonar a *tudo* pelo amor de uma... Curupira?

Guerreiros da Selva

Oração do Guerreiro da Selva

Senhor!

Tu que ordenaste ao Guerreiro da Selva:

Sobrepujai todos os vossos oponentes.

Dai-nos hoje da floresta:

A sobriedade para persistir;

A paciência para emboscar;

A perseverança para sobreviver;

A astúcia para dissimular;

A fé para resistir e vencer

E dai-nos também, Senhor,

A esperança e a certeza do retorno,

Mas, se defendendo esta brasileira Amazônia,

Tivermos que perecer, ó Deus,

Que o façamos com dignidade

E mereçamos a Vitória.

Selva!

Bonita oração, não é mesmo? Sabe onde a encontrei? Lá no extremo norte do País, no quartel da Companhia Especial de Fronteira, em Clevelândia do Norte, Município do Oiapoque, Estado do Amapá. Além de ser rezada pelos militares daquela guarnição de fronteira, está gravada em diversos locais, nas paredes e em monumentos. E realmente, para servir naquelas paragens, não somente é necessário muita coragem e adestramento militar em sobrevivência na floresta: é preciso muita reza!



Histórias e mais histórias são contadas ali: é a de uma moça de branco que aparece na estrada e no quartel, é outra de uma Cobra Grande no Rio Oiapoque, é a de visagens na ponte do Rio Pantanarri, na estrada que liga Clevelândia a Oiapoque, sede no Município, é a de que a vila residencial dos sargentos foi construída em cima de um antigo cemitério, fazendo com que diversas casas sejam visagentas, é finalmente a de assombrações causadas pelos fantasmas de presos políticos que teriam morrido ali, sob tortura... Histórias e mais histórias a encher a cabeça dos que ali servem ou trabalham...!

Mas a maior parte da guarnição não acredita nas histórias que correm na boca do povo:

- Superstições e crendices da gente analfabeta! exclamam alguns.

Outros, nem tão céticos, não acreditam nem desacreditam; outros, finalmente, admitem que existem certos fatos ou fenômenos que não sabem explicar. Há mesmo os que passaram por situações no mínimo curiosas ou que viveram experiências inacreditáveis. Como, por exemplo, o Cabo Alfredo, 34 anos, maranhense de nascimento e servindo há mais de dez anos em Clevelândia. Ele é um que não somente não acreditava nas histórias que contavam, como até mesmo achava graça delas. Mas isto não durou muito tempo...!

Há alguns anos o Cabo Alfredo foi em missão para o Km 60 da BR-156. Estava acampado com seus companheiros no meio da floresta. E lá saiu o cabo para caçar. Anda pra cá, anda pra lá, de repente o Cabo Alfredo foi atingido por violento pescoção que lhe atingiu parte da cabeça e das costas. Voltou-se repentinamente com o reflexo natural do adestramento que recebeu, mas nada viu. Não se deu por vencido e continuou a caminhada, acreditando - ou se esforçando por acreditar! - que havia sido



um galho de árvore. Ao voltar ao acampamento, solicitou na enfermaria que examinassem o local onde deram-lhe o pescoção, tendo então conhecimento de que não se tratava de nenhum galho de árvore... O que atingiu o Cabo Alfredo no meio da floresta? Você imagina o que possa ter sido? Nem o Cabo Alfredo sabe... Só aí foi que realmente sentiu medo!

Mas a vida não pára. E o cabo continuou sua missão, apenas deu um tempo para voltar a caçar...!

Contou a história algum tempo depois, deixando alguns de seus companheiros receosos.

Mas com receio, medo ou pavor, continuaram e continuam a cumprir suas missões e a defender as fronteiras do Brasil. Vão buscar força e coragem na oração que inicia a presente história. Afinal, eles são os Guerreiros da Selva...!

**Você escuta rádio?
Peça aos radialistas para
tocarem músicas de autores
e cantores amazônicos!**

Deu no Jornal...!

Você, que vem acompanhando esta série que objetiva preservar um dos traços de nossa cultura em tempos de globalização, acredita nas histórias que aqui são narradas? Afinal, existe ou não visagens e assombrações? E os encantamentos, são possíveis? Bom, uns e outros fazem parte da crença popular.

Nesta seção sempre reproduzo noticiário da grande imprensa de Belém a respeito do assunto. Veja, na notícia ao lado, publicada em "A Província do Pará", de 13 de agosto de 1999, o que dizem algumas pessoas que trabalham nos cemitérios e que **convivem** com as visagens...!

A PROVÍNCIA DOPARÁ

13 de agosto de 1999

O COVEIRO

A voz chama. Ele olha. Não é ninguém

Ninguém melhor para falar sobre o dia de hoje do que os personagens do melhor palco para a data: o cemitério. Cenário de filmes de terror e unanimidade entre as crianças de lugar mais aterrorizante, essa "casa dos fantasmas" não atemoriza mais os coveiros e zeladores, seus mais assíduos visitantes. Muitos, até mesmo, já se acostumaram com as brincadeiras das famosas visagens.

Há 20 anos no Cemitério de Santa Izabel, a zeladora Raimunda Oliveira afirma que não tem medo das assombrações e garante que poderia dormir tranqüila no cemitério. As histórias são tantas, que ela conta como algo normal. fato que é considerado estranho por seus amigos. "Uma vez eu vi um homem alto por detrás de uma árvore. Ele sorriu para mim, e quando eu fui falar com ele, não estava mais", relata a zeladora. A sua reação foi imediata. Pegou a vassoura e continuou a limpar os túmulos.

A Sexta-Feira 13, então, é piada para ela. Não é diferente com Raimundo da Costa Assis, que trabalha há 55 anos no mesmo cemitério. Ele explica que quan-

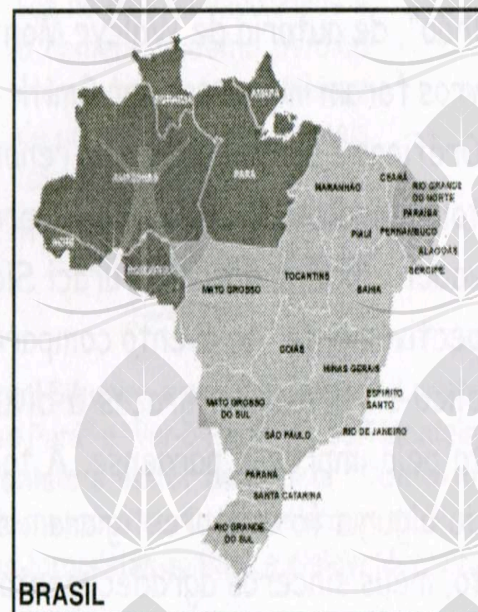
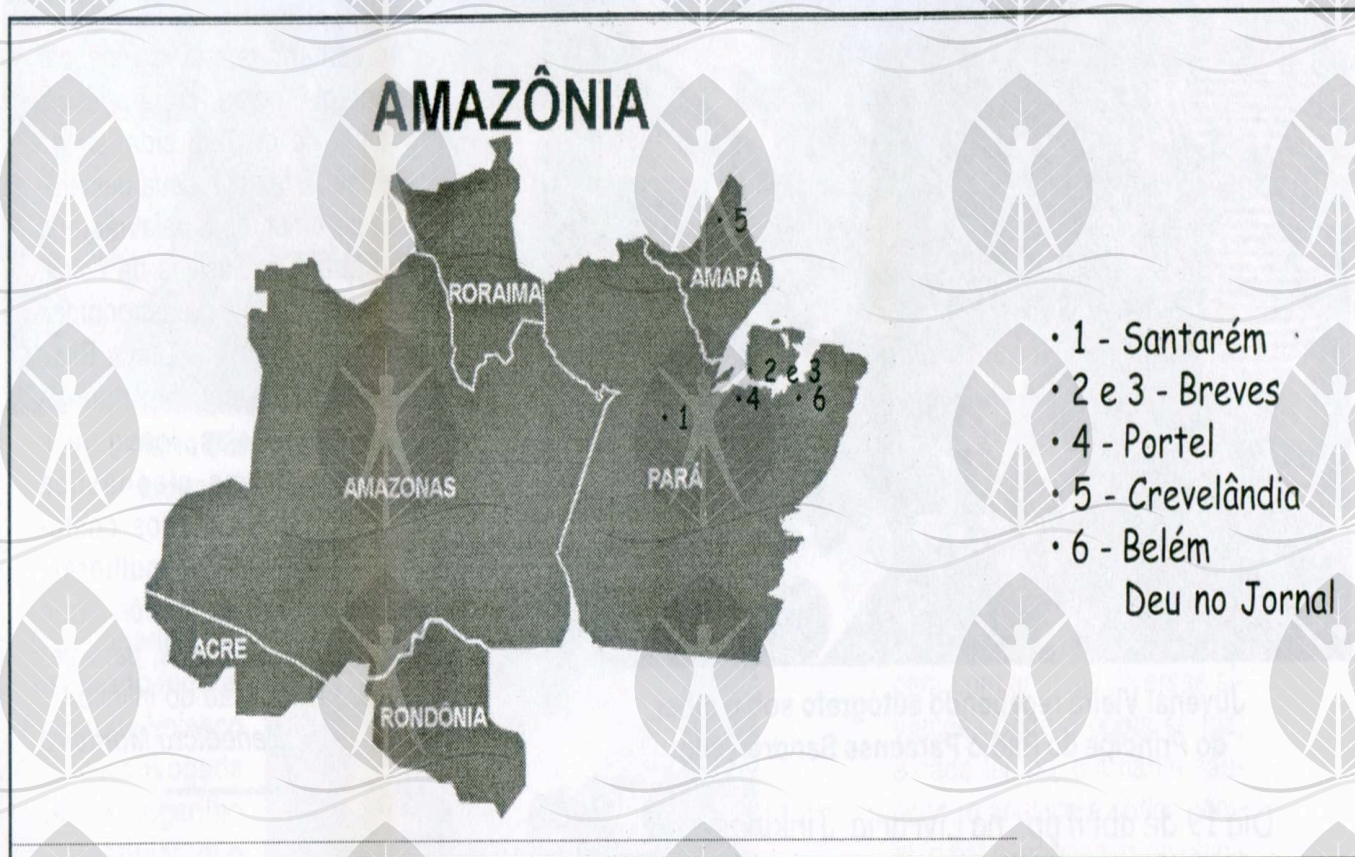


Raimundo Costa: não tem medo

do começou como coveiro ainda tinha medo, mas depois se acostumou e agora jura que brinca com as visagens. "Tem vezes que me chamam, eu olho para trás e não tem ninguém", diz ele, garantindo que isso é muito normal. Hoje, o dia é normal e sem maiores atropelos.

Mas, para quem não tem tal "oportunidade", o melhor é não arriscar. Alex Matos, que mora próximo ao cemitério, tem sua maneira de espantar os espíritos. Ele faz o sinal da cruz três vezes e reza um Pai-Nosso e duas Ave-Maria. Cada um com a sua crença.

Localize aqui onde as histórias acontecem



Lançamento de Livros



Juvenal Vieira recebendo autógrafo sob o olhar do Príncipe do Rádio Paraense Sandro Valle.

Dia 19 de abril pp., na Livraria Jinkings, aconteceu o lançamento dos livros "Cosmopoemas" e "Miscelânea ou Vida em Turbilhão", de autoria de Walcyr Monteiro. Os livros foram impressos por Smith - Produções Gráficas e prefaciados pelo renomado escritor Benedicto Monteiro e pelo premiado trovador e poeta Antonio Juraci Siqueira, respectivamente. Ao evento compareceu um público significativo, graças à divulgação feita pela imprensa paraense. A todos os que, de alguma forma, prestigiaram o lançamento, meus sinceros agradecimentos.

"Ao cantar o tempo, o espaço e a energia, numa forma poética, Walcyr se declara cidadão do Cosmo. E faz até a sua declaração de amor, com palavras que são quase exclusivas da física, da matemática e da astronomia. Foi muito além de Olavo Bilac que se contentou em apenas ouvir as estrelas. Inaugura e amplia a forma pleonástica como os apaixonados costumam se dirigir às mulheres. Deixou a simples referência ao sol, à lua, às estrelas, para penetrar na vastidão do infinito."

Benedicto Monteiro



Em pé: os poetas Benilton Cruz e Juraci Siqueira, o repórter Márcio Monteiro e Alda. Sentados: a poeta e escritora Heliana Barriga e Walcyr Monteiro

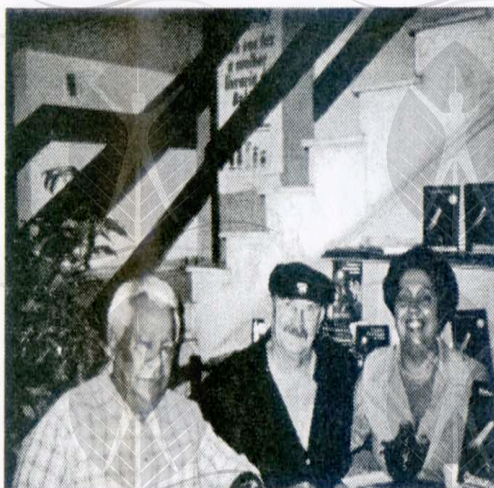


Maria Corrêa e o filho Enorê
ladeando Walcyr Monteiro



Walcyr Monteiro ladeado por seus filhos
Átila Alcyr e Enorê.

O advogado e ex-
deputado federal
Fernando Velasco
e a advogada
Sônia Pingarilho
prestigiaram o
lançamento



"Nesse turbilhão de uma vida vivida in/tensamente, Walcyr Monteiro nos coloca cara a cara com as mais diversas situações onde o poeta se faz, a cada tempo, o amante saudososo, o analista e crítico social, o pai carinhoso, o revolucionário e paladino da liberdade, o cidadão sedento de justiça no país da impunidade e o homem moderno perdido entre números e os dilemas de um mundo cada vez mais tecnológico e alheio às relações sociais."

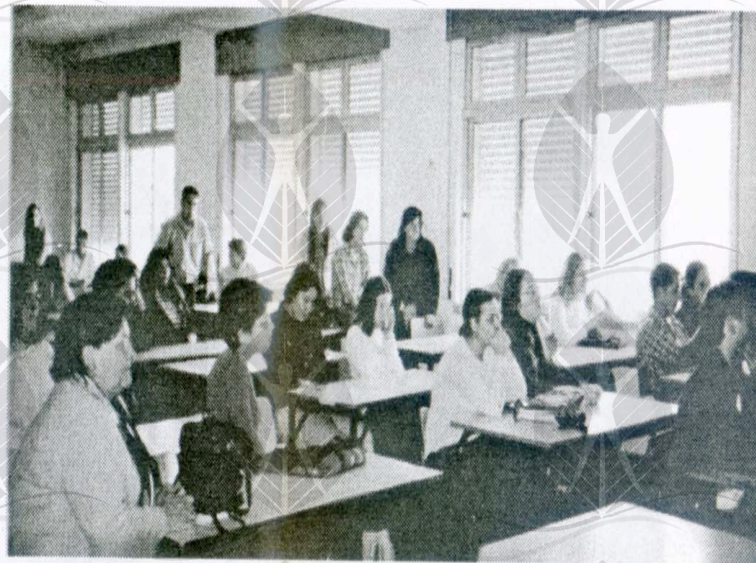
Antonio Juraci Siqueira



Em pé: o poeta Antonio Juraci Siqueira, o escritor Salomão Larêdo, o editor das revistas "Nosso Pará" e "Ver-o-Pará" Walbert Monteiro (irmão de Walcyr), o colunista e editor da revista "Contexto" Bernardino Santos. Sentados: a jornalista Caetana Ferreira da Silva, presidente do Sindicato dos Jornalistas do Pará, e Walcyr Monteiro.

I Encontro Luso-Amazônico

Entre os dias 2 e 20 de maio deste 2001 realizou-se em Portugal o I Encontro Luso-Amazônico, dando prosseguimento ao Projeto "Heranças Portuguesas na Amazônia", idealizado e coordenado pela Prof^a. Maria de Nazaré Paes de Carvalho. O evento teve a coordenação da Câmara Municipal de Alenquer (através do Vereador da Cultura Luís Fernando Martins Rema) e do Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as comemorações dos Descobrimentos Portugueses (através do Professor Eduardo Frutuoso) e, na Ilha da Madeira, do Externato

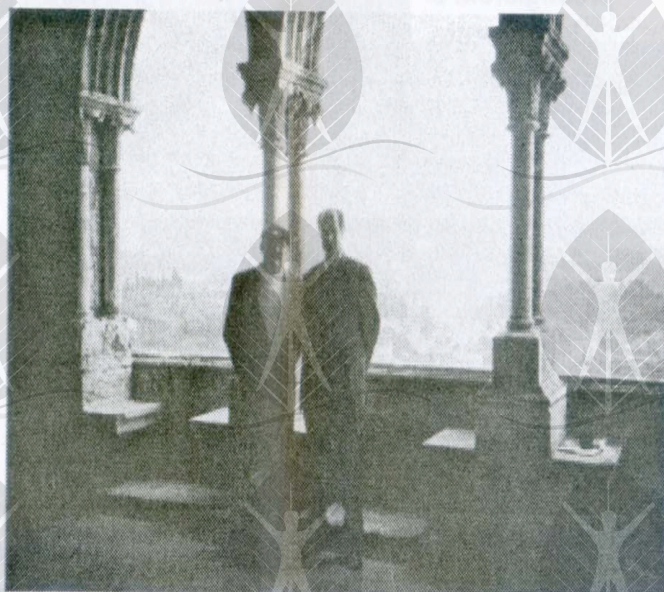


Platéia da palestra em Almeirim

da "Apresentação de Maria" (através da Professora Fátima Camacho e da Irmã Zélia Prior). Para sua efetivação, contou com o apoio das Câmaras Municipais de Alenquer, Almeirim, Arruda dos Vinhos, Azambuja, Leiria, Loulé, Palmela, Porto de Mós, Santarém, São



Walcyr Monteiro ao lado da Irmã Zélia Prior (acima) e proferindo palestra em Loulé (à esquerda)



Walcyr Monteiro e o Coordenador do I Encontro Luso-Amazônico em Portugal, Prof. Dr. Eduardo Frutuoso

Vicente, Sobral do Monte Agraço e da Universidade Lusófona; na Madeira, das Câmaras Municipais de Funchal e Machico, de empresas privadas e do Externato "Apresentação de Maria".

O I Encontro Luso-Amazônico revestiu-se do mais completo sucesso, quer pelos seus objetivos alcançados, quer pela interação e troca de experiências entre os professores das diversas cidades portuguesas e os membros da comitiva da Amazônia. Esta esteve constituída dos palestrantes Maria de Nazaré Paes de Carvalho (tema: "O Meio

Ambiente Amazônico: Processo de Devastação e Mecanismos de Preservação"), Heliana Franco (tema: "Artesanato Paraense"), Anaíza Vergolino e Silva (tema: "A Influência Portuguesa nas Culturas Populares"), Helena Cerqueira (tema: "A Educação e a Cultura das Comunidades Ribeirinhas") e Walcyr Monteiro (temas: "Lendas e Mitos da Amazônia" e "A Questão Agrária no Pará").

A comitiva amazônida realizou palestras em diversas cidades portuguesas, sendo que Walcyr Monteiro falou sobre "A Questão Agrária no Pará" em Lisboa, Santarém e Loulé, e sobre "Lendas e Mitos da Amazônia" em Lisboa, Azambuja, Arranhó, Almeirim, Leiria, Quarteira e Funchal (esta, na Ilha da Madeira). O evento foi considerado bastante proveitoso pelos participantes, o que decerto permitirá a continuação do Projeto "Heranças Portuguesas na Amazônia".



Walcyr Monteiro e Fátima Camacho, na Ilha da Madeira



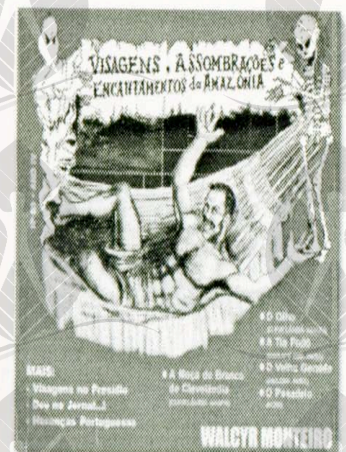
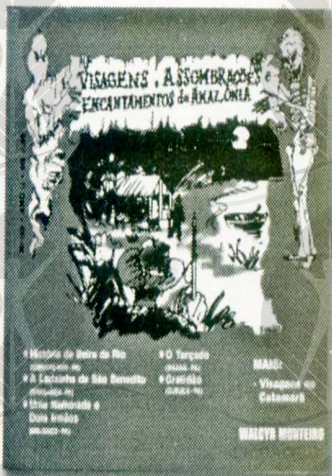
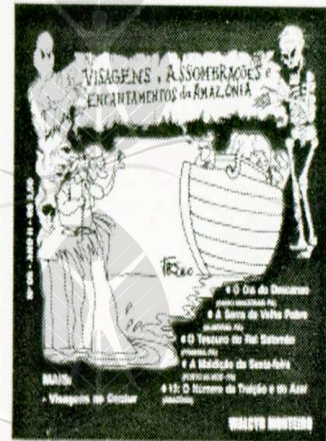
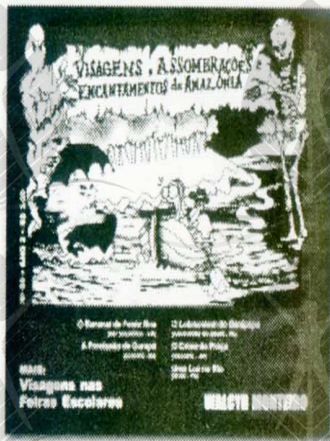
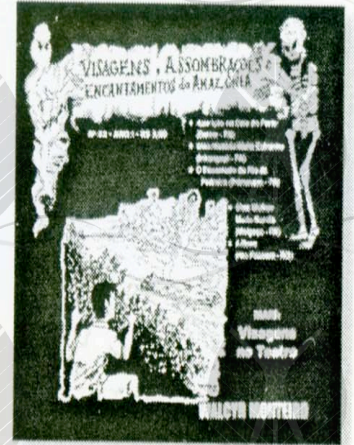
A comitiva amazônida em Loulé. Da esquerda para a direita: Helena Cerqueira, Walcyr Monteiro, Heliana Franco, Anaíza Vergolino e Silva e Maria de Nazaré Paes de Carvalho

Atividades na Escola



Dia 22 de junho do corrente ano, direção, professores e alunos da Escola Municipal Prof^a. Terezinha Souza viveram uma noite de conagraçamento com três escritores paraenses: Walcyr Monteiro, Antonio Juraci Siqueira e Heliana Barriga. Dentro de um projeto de valorização e divulgação da cultura amazônica, os três escritores citados foram convidados a dividir suas experiências com professores, alunos e membros da comunidade, o que foi feito de maneira muito prazerosa para todos. Na oportunidade, alunos fizeram encenações e representações tomando por base os trabalhos de Walcyr Monteiro, Juraci Siqueira e Heliana Barriga. As fotos documentam o encontro.

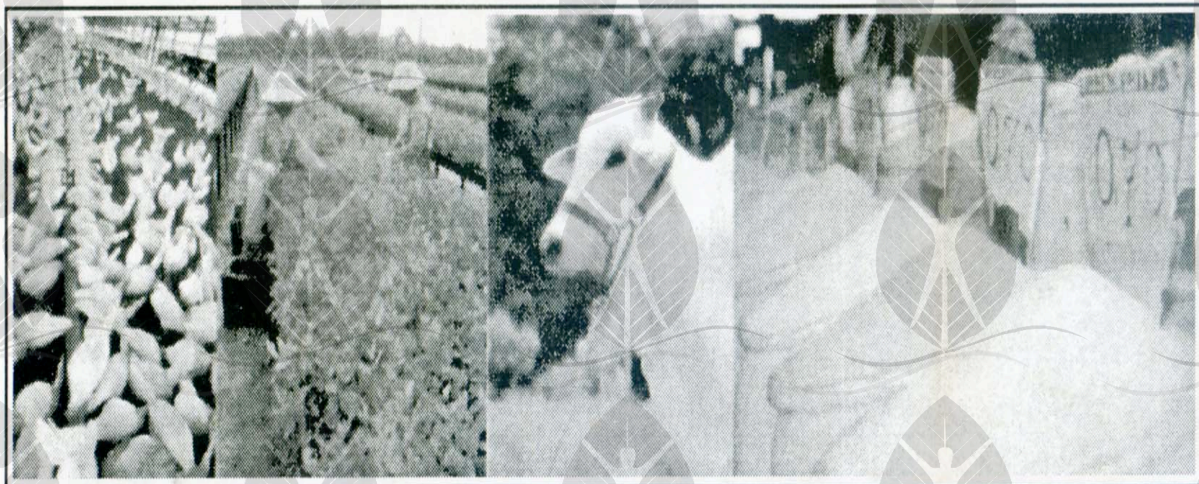
Números atrasados...



EM BELÉM: BANCAS DE REVISTAS NEWS TIME, NO SHOPPING IGUATEMI; LIVRARIA CASTANHEIRA, NO SHOPPING CASTANHEIRA; LIVRARIA MARAJÓ, NO AEROPORTO INTERNACIONAL DE BELÉM; LIVRARIA JINKINGS e BANCA DO ALVINO.
EM SANTARÉM: LOJA REGIONAL MUIRAQUITÃ

EM MACAPÁ: BANCA DO DORIMAR e LIVRARIA NOBEL
EM MANAUS: LIVRARIA VALER
EM BOA VISTA: BANCA DA VALCIRA e LIVRO CENTER

ISTO NÃO É LENDA!



É o resultado da aplicação dos recursos do FNO!



**BANCO DA
AMAZÔNIA**

O primeiro e único banco da Amazônia



AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM

Secretaria de
Estado de Cultura



CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA